**EDUCADORES SOCIAIS: TRANS ‘FORMANDO-SE’ EM AGENTES DA PAZ**

Silvana Fernandes Rodrigues Gondim; SME; silvanafrg@terra.com.br

Projetos e experiências transformadoras para uma cidadania planetária

**RESUMO**

O projeto Educadores Sociais: Trans “Formando-se” em Agentes da Paz é de formação para os educadores sociais que acompanham os jovens no contraturno de uma instituição filantrópica que atende crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, foi desenvolvido com o objetivo de contribuir para que estes profissionais se apropriem de subsídios teóricos e vivenciais para trabalhar com os alunos os referenciais da paz que estejam situados e utilizem a consciência crítica, o desenvolvimento da compreensão, o diálogo por meio da comunicação não-violenta, a ética do cuidado que só tem significado em sua aplicação prática, a medida que promova atitude de amorosidade com a vida em todas as suas manifestações, o conhecimento da multidimensionalidade humana nutrido por suas competências, sensibilidade, talentos, que o torna capaz de desenvolver seu protagonismo na sociedade como partícipes na construção da cultura de paz. As oficinas propiciaram trocas de experiências facilitando a desconstrução e construção de novos conhecimentos no âmbito pessoal e cognitivo.

 **Palavras Chaves:** Cultura de Paz; Conflito; Compreensão; Cuidado.

**Introdução**

O projeto Educadores Sociais: Trans ”Formando-se” em Agentes de Paz se refere à formação desenvolvida com os educadores sociais do Centro Educacional da Juventude Pe. João Piamarta, em Fortaleza, instituição filantrópica da Congregação da Sagrada Família de Nazaré que cuida de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. O Centro Educacional disponibiliza serviços sócio assistenciais e educativos abrangendo desde a educação formal aos cursos profissionalizantes, atividades culturais, esportivas, lazer, orientação e encaminhamento para o mercado de trabalho, assistência médico-odontológica, acompanhamento psicossocial incluindo projetos voltados para as famílias dos alunos. Nossa parceria teve início quando fomos procurados pela direção que solicitou um trabalho com os jovens concludentes do ensino médio, onde desenvolvemos o projeto intitulado: Um Novo Tempo[[1]](#footnote-1).

A partir deste projeto a direção da instituição sensibilizada com a questão dos valores humanos e cristãos para uma cultura de paz e a ética do cuidado pediu-nos que desenvolvêssemos uma formação para os educadores sociais que acompanham os jovens no contraturno da escola com o objetivo de subsidiá-los para trabalhar com os alunos os referenciais da paz que estejam situados e utilizem a consciência crítica, o desenvolvimento da compreensão, do diálogo por meio da comunicação não-violenta e da ética do cuidado que só tem significado em sua aplicação prática que promova atitude de amorosidade, respeito para com todos os seres a sublimar a agressividade que alguns jovens reproduzem do seu contexto social, ajudando-os a encontrar formas construtivas para lidar com as emoções e conflitos. Bem como, contribuir para que os educandos desenvolvam seu protagonismo na sociedade como partícipes na construção da cultura de paz.

           A pedagogia libertadora de Paulo Freire frisa que a ação educativa não está restrita apenas ao aspecto formal do processo de ensinar e aprender, mas em todos os contextos deste processo. Acreditamos que é na liberdade de expressão e no acolhimento expresso que os sujeitos vão se desconstruindo e se construindo em um contínuo vir a ser, pois o ser humano é inconcluso, histórico e social. Essas dimensões enriquecem as trocas entre os sujeitos que refletem a realidade para transformar a si mesmo e ao ambiente em que estão inseridos. Freire (2007, p.81) nos coloca a questão: ‘Ninguém nasce feito. Vamos fazendo-nos aos poucos, na prática social de que tomamos parte. ”

 Diante disso, a cultura de paz configura como um conhecimento complexo mediante uma gama de áreas do conhecimento que lhe são pertinente, como nos coloca Batalloso (2011, p.258) “ a educação para paz se constrói a partir de dimensões ontológicas, epistemológicas e metodológicas que são, ao mesmo tempo, individuais, sociais, históricas, políticas, culturais e ambientais.” capaz de situar e utilizar a consciência crítica, a cooperação, a não – discriminação, e a vivência dos direitos humanos como estratégias que conduzem, transformam e solucionam conflitos de forma positiva, considerando que todos os seres vivos fazem parte de uma mesma “terra pátria”, da qual devemos cuidar, pois preservar é a premissa básica para resguardar as futuras gerações e demais seres vivos.

 Morin (2000) nos adverte que a compreensão estar polarizada em: planetário e individual. No planetário devemos trabalhar a compreensão entre os humanos, a cultura, povos de diferentes culturas e no plano individual se refere as relações mais próximas que estão cada vez mais suscitando incompreensão devido o ciúme, mal-entendido, violência mesmo com pessoas mais intelectualizadas.

Hoje a incompreensão deteriora as relações pais-filhos, marido-esposas. Expande-se como um câncer na vida cotidiana, provocando calúnias, agressões, homicídios psíquicos (desejos de morte). O mundo dos intelectuais, escritores ou universitários, que deveria ser mais compreensivo, é o mais gangrenado sob o efeito da hipertrofia do ego, nutrido pela necessidade de consagração e de glória. (MORIN, 2000 p. 94)

 Segundo Morin (2001) a comunicação reina em nosso planeta, este está permeado por redes, fax, telefones celulares, modems, internet, no entanto é visível a incompreensão apesar de existir importantes e diversos progressos da compreensão, porém o aumento da incompreensão parece ser muito maior.

Lembremo-nos de que nenhuma técnica de comunicação, do telefone à Internet, traz por si mesma a compreensão. A compreensão não pode ser quantificada. Educar para compreender a matemática ou uma disciplina determinada é uma coisa; educar para a compreensão humana é outra. Nela encontra-se a missão propriamente espiritual da educação: ensinar a compreensão entre as pessoas como condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade. (MORIN, 2001 p.90)

 Neste sentido, fazemos parte de um todo, o planeta terra, a ação de cada indivíduo reverbera em mim, isto se apresenta claro na nossa sociedade atual, onde a tecnologia encurta os espaços nos informando em tempo real sobre a vida dos co-cidadãos planetário, somos entrelaçados e inseparáveis da nossa identidade terrena, “ cada um de nós, rico ou pobre, traz em si, sem saber, o planeta inteiro. A mundialização é ao mesmo tempo evidente, subconsciente e onipresente. ” Morin (2001, p. 33)

Nessa experiência buscamos refletir com os educadores sociais a necessidade de empreender uma ética da compreensão, não só entre os indivíduos, mas relacionar essa compreensão para todo o planeta uma vez que estamos influenciando e sendo influenciado por culturas de todos os povos, compreender também passa por nossa abertura de ser um eterno aprendiz.

**As Oficinas Pedagógicas**

O objetivo principal das oficinas em nossa proposta foi formar educadores sociais na área da educação para a paz, a fim de instrumentalizá-los para ações em vista de uma cultura de paz no cotidiano e em suas práticas pedagógicas. Exercitar sua capacidade de ser observador atento da realidade e de si mesmo e do contexto e praticar sua responsabilidade para com todas as formas de vida e com o planeta. Como conteúdo programático elegemos os seguintes temas: ética do gênero humano, Violência/não violência; ressignificação do conceito de conflito; situação de conflito; formas de resolução não violenta; formas de consenso negociação, o processo de mediação; técnicas de escuta ativa; lidando com as emoções; valores positivos, e, por fim, a elaboração de um projeto para trabalhar com os jovens. A metodologia proposta para as oficinas foi constituir espaços de reflexão, criação e construção do conhecimento, que ‘reiterem a consagrada expressão pedagógica do “aprender-fazendo”, onde se evidencie a importância da ação no processo ensino-aprendizagem’. (GUIMARÃES, 2006 p.20).

Jares (2002) nos propõe que a metodologia didática deve fomentar a participação, o trabalho de grupo e a cooperação. Guimarães (2006) enfatiza que a educação para a paz deve partir da leitura crítica da realidade e Morin (2000) coloca para que o conhecimento seja pertinente a educação deve tornar evidentes: o contexto, o global (o conjunto das diversas partes ligadas), o multidimensional (dimensões histórica, sociológica, econômica), e o complexo (união entre a unidade e a multiplicidade). Neste sentido, o desenvolvimento das oficinas foi baseado nas referências desses autores a partir da realidade dos participantes, as quais obedeceram a sequência: individual; grupal e plenário com a finalidade de promover a participação de todos.

A estrutura das oficinas propõe, num primeiro momento, um aquecimento que prepara o participante para o início das atividades, integrando-os. Em seguida, temos a “vivência temática”, onde o grupo é solicitado a viver e executar uma tarefa referente à temática do dia, partindo, inicialmente, do que o educador possui de experiência ou conhecimento. Nessa etapa, utilizamos vários recursos de mediação para facilitar a expressão. São eles: dramatização; apresentação de vídeos; slides; vivências de relaxamento; colagem; textos; música; desenho; poesia dentre outros.

Por fim, temos o momento da “sistematização reflexiva”, espaço da articulação das ideias, saberes, valores emergentes, que serão agrupados, e relacionados a uma visão orgânica em um corpo único (SOUSA, 2007, p.85). A cada término da oficina avaliamos, de forma participativa, todos os momentos vividos, analisando a qualidade das ações desenvolvidas, o sentir e o significado do que foi trabalhado, em que se procura investigar a repercussão da temática em suas vidas. São convidados a colocar em prática a aprendizagem. A cada encontro, após o aquecimento, abrimos espaço para ouvir sobre as práticas, e fazer memória da última oficina.  Cada oficina tinha duas horas de duração realizadas quinzenalmente em seis meses.

**A Visão dos Educadores**

Iniciamos as oficinas a partir de um questionário em que perguntamos aos participantes: O aprendizado do convívio é uma necessidade pedagógica? Em que medida essa formação influenciará seu trabalho como educador?  Existe relação entre a ação educativa e a construção de valores? Justifique. Como você avalia sua bagagem metodológica para enfrentar os conflitos de forma positiva em sua ação educativa? Percebemos, pelas respostas que os educadores sociais sabem da importância de trabalhar as relações interpessoais para um melhor aproveitamento das atividades educativas. Alguns afirmaram que os jovens vivem conflitos intra e interpessoais, compreender o desenvolvimento dessa fase importante nas suas vidas ajuda para que possam se aproximar mais e trabalhar os valores, que darão suporte ao enfrentamento dos desafios a que todos estamos sujeitos. Entretanto, mencionaram que existe a dificuldade em educar os jovens para a pratica de valores, ante a cultura de morte e alienação desenvolvida em nossa sociedade, em que os valores materiais se sobrepõem aos valores humanos e espirituais, pois consumir é um imperativo vigente. Também, referiram a importância de perceber como as situações estão interligadas e os contextos em que estão inseridas.

No que se refere à ”bagagem metodológica", pelas respostas pudemos inferir que agem muito pelo bom senso e experiência, mas precisam de uma metodologia mais sistematizada, a fim de obterem melhores resultados. Ainda assim, existe um esforço dos profissionais por buscar formas de intervenção e trabalhar os conflitos cotidianos. Todos expuseram o desejo de ampliarem seus conhecimentos “para enfrentar de maneira positiva os problemas existentes. ” Verificamos, a partir dos questionários, que o grupo estava sintonizado com o desejo em dialogar, partilhar experiências, conhecimentos, e aprender através das vivências a transformar a postura e ação na concretização de uma cultura de paz, a partir dos referenciais teóricos mencionados.

No transcorrer do desenvolvimento do trabalho o grupo foi ressinificando alguns conceitos tais como: paz, conflito, agressividade, luta, força. A maioria dos educadores tinha a visão de conflito como briga, discussão, ou seja, algo negativo que se deve evitar, enquanto a paz era pensada como um estado de espírito manso, tranquilo, estar bem consigo e com o outro, e agressividade como sinônimo de violência, algo patológico.

Diante das vivências e estudo realizados foram percebendo que estes conceitos eram crenças adquiridas através da educação, da família, escola, meios de comunicação enfim, de uma cultura que propaga a violência, a discriminação, a não aceitação do diferente, a competição e o consumismo desenfreado que reduz o indivíduo a ser uma marionete do sistema capitalista, que não se preocupa com a sustentabilidade do planeta e não percebe que estamos, simultaneamente, dentro e fora da natureza. Eles reconheceram que uma mudança paradigmática será necessária frente ao desafio de trabalhar com os jovens nesta perspectiva da educação para a paz.

Neste sentido, tomaram consciência de suas próprias dificuldades frente a necessidade da mudança de atitude. Durante o tema sobre a resolução de conflitos, trouxeram algumas situações vividas na família, no trabalho e na comunidade. Nesta oportunidade, debatemos e dramatizamos diversas formas de resolução dos conflitos. Foi um momento enriquecedor, onde perceberam que é possível obter soluções a partir da escuta ativa, da expressão dos sentimentos através das falas. E apresentaram experiências positivas na prática de resolução de conflitos, tanto na família como no trabalho.

Foi com grande prazer que desenvolvemos estas oficinas com os educadores sociais, pois vimos muitas possibilidades de vivenciarmos experiências exitosas na prática destes profissionais que demonstraram interesse pelos conteúdos abordados, colocando em prática e trazendo para nossos encontros as experiências que constituem fonte de sentidos e significados em suas vidas.

Acreditamos que essa mobilização decorre da necessidade que temos de nos inserirmos em um movimento pela paz, onde podemos encontrar outras pessoas comprometidas a viver no seu cotidiano essa nova perspectiva, sem escamotear os conflitos, encarando-os como uma forma de amadurecimento humano.

Pensando nisto, este projeto foi desenvolvido para contribuirmos com a divulgação desta cultura que deve alimentar o ser humano nas áreas afetiva, cognitiva, física, social, espiritual. Acreditamos que mudanças são possíveis mediante o fortalecimento das relações entre os seres humanos mediatizados pela aceitação das diferenças. Sabemos que a sociedade é permeada por conflitos sociais, portanto faz-se necessário uma intervenção para a constituição de uma sociedade mais justa. É pela aprendizagem nas relações com os outros que construiremos os caminhos necessários para a edificação de uma sociedade melhor.

Neste sentido, temos a crença que a partir do processo de autoconhecimento e reflexão pessoal, os educadores possam ampliar a visão crítica de si mesmos e do mundo, identificando, com mais clareza, suas necessidades, limites e potencialidades, fortalecendo a capacidade de conexão com o outro.

Nas oficinas, priorizamos o diálogo e a participação, para favorecer o conhecimento interpessoal, melhorar a capacidade de comunicação, convivência, respeitar as diferenças individuais e culturais, para que os educadores se aproximassem entre si, descobrindo-se artífices da cultura de paz.

**‘A Paz Só Virá Através da Educação e de Uma Política de Paz’**.

 A frase acima foi dita por um dos educadores sociais na segunda oficina que realizamos, quando através de uma dinâmica questionamos se era verdadeira a afirmativa de que “há necessidade da guerra para a obtenção da paz. ” Guimarães (2009) em uma entrevista afirma que “as pessoas até querem aprender a língua da paz, até já falam algumas palavras, mas tem que haver espaços onde essa alfabetização seja sistematizada. Isso não pode ser espontâneo.”[[2]](#footnote-2).  O autor informa que existe uma campanha mundial cujo slogan é: “Não há paz sem educação para paz” a intenção é divulgar isso com as pessoas, e obter legitimidade nessa discussão, bem como, conseguir apoio político para que seja incluída a educação para paz em todos os segmentos da educação, seja formal ou não, “para que possam ensinar pela paz” (2011, p 24). Guimarães (2011, p.24) elucida que em nosso país a educação para a paz ainda não ocupou um espaço de destaque:

No Brasil, a temática começa a ser considerada, embora deva-se reconhecer que ainda não conquistou espaço relevante. O esforço de refletir sobre a violência no meio escolar liga-se, aos poucos, com a introdução da educação para a paz, que começa a ser tematizada em congressos, seminários, revistas de educação e experimentadas em algumas escolas e programas educativos.

Vivemos em uma cultura que alimenta a sociedade através de inúmeras ideologias, passados pelos meios de comunicação, pela escola, pela família, pelos partidos políticos. Diante de nossas ações para uma cultura de paz e não violência precisamos estar atentos, e perceber o conteúdo oculto que tem como base o “paradigma bélico que nos educa para a violência e que, qualquer ação contra a violência e pela paz, não pode desconhecer” (GUIMARÃES, 2000, p.19).

Freire (1983) acreditava não haver educação para paz sem um descortinar da realidade. Nesse autor, o processo de conscientização é pensar e aprender a perceber as contradições sociais, políticas e econômicas de realizar ações em defesa da paz, em um contexto da educação transformadora e não como domesticação com dispositivos violentos e opressores da realidade de cada um e do grupo. (GARCIA, 1983, p.338 apud GUIMARÃES, 2011, p. 74).

A participação de todos é condição *sine qua non* para que haja liberdade, do contrário, o poder se concentrará nas mãos de poucos. Concentração de poder significa falta de autonomia pessoal e grupal, presença de manipulação. Para que essa construção esteja bem alicerçada, é necessário organizar a participação para intervir na realidade. Participação que possibilite a todos usufruírem dos bens de consumo e de produção, participação que inclui “distribuição do poder, possibilidade de decidir na construção não apenas do ‘como’ ou do ‘com que’ fazer, mas também do ‘o que’ e do “para que fazer” (GANDIM, 2001, p.88).

Segundo Noleto (2008), a participação na construção coletiva suscita no sujeito um sentimento de pertencimento, fortalece o conceito positivo de si mesmo e do alcance do bem-estar comum, requisito para o exercício da cidadania no cotidiano. Todos os envolvidos com a educação devem estar engajados na luta pela ampliação de espaços democráticos, de valorização das diferentes identidades, de respeito e compreensão da diversidade, objetivando a liberdade e emancipação do sujeito em direção à “superação das injustiças sociais” (FREIRE, 2007, p. 103).

Entretanto, para que nós educadores, por excelência, possamos desenvolver uma *práxis* transformadora, teremos de nos revestir de uma adequada compreensão da realidade para não tornar nosso trabalho um mantenedor da atual situação social. Se o profissional não for comprometido com a transformação da sociedade sua prática se manterá a mesma e isto será um retrocesso para todos, como indica Zanella (1998 p.226):

Toda ação humana é necessariamente política, pessoal, social e histórica bem como afetiva, cognitiva, motora... em qualquer situação apresentamo-nos como um todo, enquanto sujeitos históricos e socialmente constituídos e, ao mesmo tempo, como constituidores ativos do contexto no qual nos inserimos.

Jares (2002)  traz o conceito de educação para a paz como um processo contínuo e permanente, como conteúdo que perpassa o currículo, segundo o autor, a utilização de métodos problematizantes propiciará aos sujeitos o desvelamento  crítico da realidade, assim, o indivíduo  poderá ter uma intervenção transformadora da mesma. Como princípios, ele defende uma educação para valores e para a ação. “Não há educação para paz se não houver ação” (JARES, 2007, p.45).

Faz-se mister, fortalecer, em nossa sociedade, valores humanos como cooperação, solidariedade, preservação do meio ambiente, respeito à diversidade, diálogo, participação e construção coletiva que fomentem a Cultura de Paz. Diante disso, questionamos: que conceito de paz é preciso defender para emergir  a esperança na construção de uma sociedade que preserve a vida em todas as suas dimensões, a justiça sem distinção  e que todos possam ter condições de  se realizar como seres humanos, dotados de potencialidades?

É a paz que traz em sua essência a justiça social para todos, solidariedade, direitos humanos e sustentabilidade (MATOS, 2010), onde nós somos os artífices desta teia que envolverá toda a humanidade. Muitos já estão abrindo caminhos, reflexões e principalmente agindo para a concretização desta esperança: Matos (2003, 2010), Jares (2002, 2007), Freire (1983, 2007), Morin (2000,2001,2009), Guimarães (2000, 2006, 2011), Batalloso (2011) apenas para citar alguns cujo trabalho conhecemos e são referências nesta questão.

**Nossa conclusão:**

Desenvolvemos a formação de educação para a paz com os educadores sociais por acreditarmos que ampliar o debate, o diálogo na busca de um consenso em torno da paz, instrumentalizar para a resolução não violenta de conflitos, divulgar o movimento pela paz e suas diversas frentes, oportunizar o debate do “ensinar a compreensão” onde percebemos que cada vez mais, se faz necessário que estejamos abertos para estar e compreender o outro, não como objeto, mas como sujeito dotado de valores, cognição, espiritualidade, fragilidades, rico na sua diversidade, que habita o mesmo planeta. Somos seres que coexistem numa relação complexa de pensamentos, culturas, emoções, conflitos que promovem movimentos recíprocos constantes de ensinar e aprender, vitais para nossa existência que implica na responsabilização para com a sustentabilidade da natureza, do planeta.

A formação propiciou espaço de empoderamento e fortalecimento da capacidade que cada educador possui de superação, autorregulação. Este trabalho despertou o desejo desses profissionais fazer acontecer a cultura de paz em sua vida, buscando solucionar seus conflitos de forma construtiva, não violenta. Todos nós temos a expectativa de um dia podermos viver em uma sociedade onde haja justiça, equidade, resolução positiva de conflito, respeito às diferenças, cuidado com a vida em todas as suas dimensões. Desta forma, transformaremos a cultura vigente de nossa sociedade em cultura da paz. No início deste relato colocamos que a sugestão da formação partiu da direção da escola na pessoa do padre Elvis Marcelino de Lima que dedicou sua vida em prol da juventude, dentro e fora do país. Teve sua vida abreviada pelo encontro com dois jovens irmãos que não tiveram a oportunidade, ainda, de conhecer a força do amor. Através dos versos da canção a expressão dos nossos sentimentos: Só o amor, muda o que já se fez/ E a força da paz junta todos outra vez/ Venha, já é hora de acender a chama da vida/ E fazer a terra inteira feliz (ROUPA NOVA, 2013).

**Referências**

BATALLOSO, Juan Miguel. Dimensões da psicopedagogia hoje: uma visão transdisciplinar. Brasília: Liber Livros, 2011.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Política e educação. 8. ed. rev.ampl. Indaiatuba, SP: Vila das Letras, 2007 (Coleção Dizer a Palavra).

GANDIM, Danilo. A Posição do Planejamento Participativo entre as Ferramentas de Intervenção na realidade. Currículo sem Fronteiras, v.1, n.1, p. 81-95, 2001.

GUIMARÃES, Marcelo Rezende. Por uma cultura de paz. In: Revista Mundo Jovem, Porto Alegre, V.303, p.19 – 21, Fev. 2000.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Educação para a paz: sentidos e dilemas. 2.ed. Caxias do Sul, RS: Educs, 2011.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Aprender a educar para a paz. Instrumental para capacitação de educadores em educação para a paz. Goiás: Rede da Paz, 2006.

JARES XESÚS, Educação para a paz sua teoria e sua prática. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Educar para a paz em tempos difíceis. São Paulo: Palas Athena, 2007.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. Juventude, professores e escola: possibilidades de encontros. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. A paz protege: cultura de paz, juventudes e docentes. In: MATOS, Kelma Socorro Lopes e JUNIOR, Raimundo Nonato (orgs.) Cultura de paz, ética e espiritualidade. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

MORIN, Edgar. Sete saberes necessários para educação do Futuro. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_; KERN,Anne Brigitte.Terra-Pátria. Tradução de Armando Pereira da Silva. 2ª ed. Lisboa – Portugal: Instituto Piaget, 2001.

NOLETO, Marlova Jovchelovitch. Fortalecendo competências: formação continuada para o programa abrindo espaços: educação e cultura para a paz. Brasília: UNESCO, Fundação Vale, p. 87, 2008. (serie saber e fazer 2)

ROUPA NOVA. *A Paz*. Disponível:

[http://www.mundoroupanova.com.br/historia/historia.html acesso em 13.10.2013](http://www.mundoroupanova.com.br/historia/historia.html%20acesso%20em%2013.10.2013)

SOUSA, Maria do Socorro de; FRANÇA, Tânia Maria de Sousa (coords.). Diversidade de ações educativas: formar, formando-se. Fortaleza: Encaixe, 2007.

VIEGAS, Ana Patrícia da Silva Mendes Paton, GONDIM, Silvana Fernandes Rodrigues. Um Novo Tempo: Protagonismo Juvenil Para Construção da Cultura de Paz In Matos. Kelma Socorro Alves (Org). Cultura de Paz, Ética e Espiritualidade III. Fortaleza, 2012. Ed. UFC.

ZANELLA, Andréa Vieira. Psicologia social e escola. In: MARLENE, N. Strey et al. Psicologia Social Contemporânea. 9ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. p. 221- 229.

1. Para aprofundamento ver Projeto Um Novo Tempo: Protagonismo Juvenil Para Construção da Cultura de Paz. Viegas. Ana Patricia da Silva Mendes Paton. Gondim, Silvana Fernandes Rodrigues.  In Matos (2012) [↑](#footnote-ref-1)
2. Entrevista concedida ao site [http://www.comunidadesegura.org,](http://www.comunidadesegura.org,/) em janeiro de 2009. [↑](#footnote-ref-2)